



A relação entre linguagem e identidade sob uma perspectiva dialógica

The relationship between language and identity under a dialogical perspective

Rafael Lira Gomes BASTOS*
Pollyanne Bicalho RIBEIRO**

RESUMO: Este artigo tem como objetivo demonstrar que o dialogismo é o princípio constitutivo da relação entre linguagem e identidade, levando em consideração a perspectiva da Linguística Aplicada na busca em estabelecer mecanismos teórico-metodológicos que possam sustentar a identidade como uma representação advinda da prática discursiva. Nossa contribuição advém da interface entre os estudos da Teoria Dialógica do Discurso (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006; BAKHTIN, 1997; BAKHTIN, 1981) com a teoria das representações identitárias (RIBEIRO, 2017; ORR, 2007; MARKOVÁ, 2007) e as relações de alteridade na sua constituição. Acreditamos ser possível estabelecer tais relações na busca da (re)interpretação do conceito de identidade social em uma perspectiva dialógica de linguagem, sustentando a tese de que as representações identitárias são (re)construídas discursivamente e (re)veladas enunciativamente.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Dialogismo. Identidade.

ABSTRACT: This article aims to demonstrate that the dialogism is the constitutive principle of the language and identity relationship, considering the perspective of Applied Linguistics, in the search to establish theoretical and methodological mechanisms that can sustain the identity as a discursive practice. Our contribution is based on the theoretical principle by which we interpret this relationship, establishing an interface between the studies of the Dialogical Theory of Discourse (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006; BAKHTIN, 1997; BAKHTIN, 1981) with the theory of identity representations (RIBEIRO, 2017; ORR, 2007, MARKOVÁ, 2007) and the alterity relationship in its constitution. We believe that it is possible to establish such relations searching the concept of social identity in a dialogical perspective of language (re)interpretation, supporting the thesis that the identity representations are discursively (re)constructed.

KEYWORDS: Language. Dialogism. Identity.

* Doutorando UFC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6828-5976>. rafael.lira.gomes@hotmail.com

** Doutora em Letras pela PUC-Minas. Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5128-8089>. pollyanne.bicalho@gmail.com

1 Introdução

Relacionar diferentes áreas do conhecimento com a linguagem é, sem dúvida, uma das principais vocações da Linguística Aplicada (doravante, LA) no atual momento histórico, especialmente no Brasil, onde os estudos da área vêm se consolidando como campo de conhecimento aplicado aos mais diversos setores da sociedade, relacionando a linguagem com a escola, com a identidade, com a tecnologia, com o trabalho docente, dentre outros (OLIVEIRA, 2016).

Diante desse cenário, inseridos no campo teórico da LA, é que buscamos entender como o conceito de representações identitárias, recuperado da psicologia social, tem sido entendido como uma (re)construção discursiva (MOITA LOPES, 2002). Dessa forma, encontramos no princípio dialógico da alteridade (*alter* e *ego*) um mecanismo eficaz na (re)velação da presença do outro no plano discursivo, ajudando a compreender essas representações.

Para tanto, o artigo contemplará três seções. A primeira irá discutir os conceitos de dialogismo como princípio constitutivo da linguagem. Evidenciando-se, assim, a relação de alteridade permeada pelo movimento de responsividade e de endereçamento na constituição dos enunciados concretos, destacando as vozes sociais como a categoria analítica fundamental em uma perspectiva dialógica de linguagem.

Em seguida, problematizaremos o conceito de identidade partindo dos estudos da psicologia social. Focaremos nas relações de alteridade estabelecidas entre/nos enunciados como parte material para a compreensão das representações sociais (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006; MARKOVÁ, 2007), dando destaque especial para a noção de identidade como representação.

A terceira parte do artigo se dedicará a discutir como a LA entende o conceito de identidade, sugerindo que as representações identitárias são (re)construídas discursivamente a partir da relação de alteridade e do gerenciamento de vozes no

plano discursivo, ilustrando, por meio de três exemplos, como o sujeito se categoriza diante de sua realidade sócio-histórica.

Diante dessa perspectiva teórica, buscamos estabelecer mecanismos de uma análise enunciativa que possam ser úteis no entendimento das representações identitárias de um sujeito ou de um grupo, compreendendo como se dá a relação entre linguagem e identidade e como as práticas discursivas influenciam nesse constructo, tendo como base a Teoria Dialógica do Discurso.

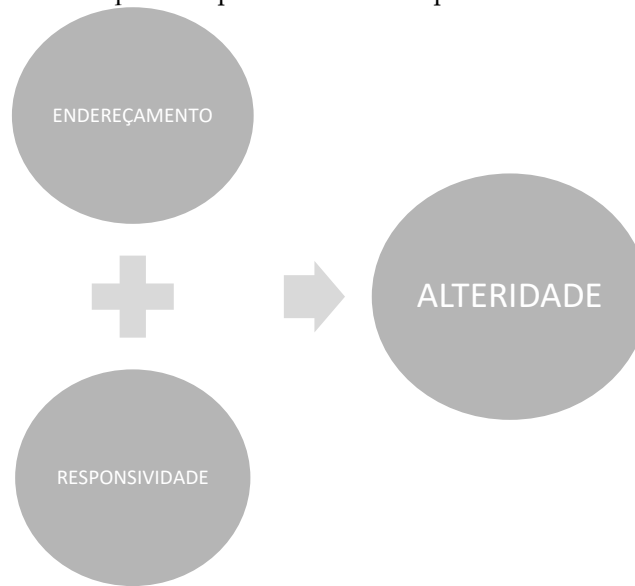
2 O dialogismo como princípio constitutivo da linguagem

O conceito de pensamento dialógico emerge da teoria da dialogicidade fundada pelo Círculo de Bakhtin, partindo do pressuposto de que nenhum enunciado é neutro e que nossas produções enunciativas são sempre permeadas por outras vozes em uma relação dialética de representação e refração da realidade material (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006)¹¹.

O pensamento dialógico é, dessa forma, permeado por diversos conceitos que são de suma importância para se entender como acontece a (re)construção das representações identitárias no plano discursivo. Dentre eles, destacamos o conceito macro de alteridade e seus dois constituintes fundamentais, endereçamento e responsividade, dados da seguinte forma:

¹¹ Por questões de autoria, optamos por citar Bakhtin/Volochinov (2006), uma vez que a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* se encontra entre aquelas que são atribuídas ao Círculo de Bakhtin.

Figura 1 – Esquema representacional do processo de alteridade.



Fonte: elaborada pelos autores.

Entendemos por endereçamento o fato de que todo ato humano está direcionado para alguém, individual ou coletivo, real ou imaginário, sendo outra pessoa, uma coisa ou um grupo social. Na fala, o endereçamento é a capacidade do falante em antecipar as respostas potenciais a quem ele está direcionando o enunciado e isso influencia em suas escolhas linguísticas, no tipo de discurso e no gênero que o enunciador usará (BAKHTIN, 1997). Analogamente, as representações identitárias de um sujeito dependem marcadamente do *outro* a quem ele está endereçando sua fala.

Por isso, Moita Lopes (2002) afirma que as identidades sociais são flexíveis e um enunciador pode, em diferentes contextos e, dependendo de a quem se dirige, compor de forma heterogênea sua identidade. Somos o que somos porque somos uma construção discursiva e dialógica em determinado contexto social. A língua é uma posição axiológica e, ao passo que respondemos a um enunciado, antecipamos sempre uma resposta ou uma compreensão resposta ativa.

Se, por um lado, tudo o que falamos é endereçado a alguém, por outro lado, tudo que é por nós enunciado é uma resposta a um enunciado anterior. Não existe signo neutro, todo enunciado carrega seu significado em uma cadeia que traz consigo

enunciados anteriores e antecipa enunciados futuros. A responsividade no dialogismo torna o ser individual responsável, uma vez que ele sempre precisa responder a alguém sobre alguma coisa, por isso, compreendemos que:

O dialogismo é também o ambiente para os processos em que os indivíduos constroem suas identidades (individuais) e se estabelecem como agentes sociais responsáveis.¹² (LINELL, 2009, p. 186, nossa tradução).

Nessa perspectiva, o enunciado é analisado em relação ao contexto sócio-histórico que o torna significativo, sendo que seus significados dependem das respostas em potencial que serão obtidas pelo enunciador. “O enunciado (*vyskazyvanie*) é o tópico de análise quando a língua é concebida como diálogo, a unidade fundamental de investigação para qualquer um que estuda comunicação como oposição à língua isolada”¹³ (HOLQUIST, 2002, p. 58, nossa tradução). O que é dito através de enunciados não são somente sinais linguísticos vazios, mas valores, crenças, ideologias e representações que são extraídas da relação entre o *eu* e o *outro*. Por isso, entendemos que o enunciado é formado pelo falante que assume os valores de seu grupo social.

Linell (2009) sugere que o endereçamento e responsividade definem as bases dialógicas de toda cognição e comunicação. Sendo assim, a linguagem, para o Círculo de Bakhtin, assumida enquanto prática social, materializa-se em enunciados concretos, constituídos por vozes sociais, instaurando a relação de alteridade, dado que, para Bakhtin, a língua é compreendida como um movimento dialógico, realizada por meio de enunciados concretos, que são elos na cadeia da interação verbal, produtos “da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV,

¹² Dialogue is also the environment for processes in and through which individuals construct their (individual) identities and establish themselves as responsible social agents.

¹³ Utterance (*vyskazyvanie*) is the topic of analysis when language is conceived as dialogue, the fundamental unit of investigation for anyone studying communication as opposed to language alone.

2006, p. 114). A partir daí, compreendemos que nossos enunciados são povoados por juízos de valores, por pontos de vista axiológicos que emanam da consciência dos outros e se fundem ao nosso enunciado na luta pela nossa consciência, informando, desse modo, nossa própria forma de nos referirmos ao objeto de discurso, ao passo que (re)construímos nossas representações identitárias.

Nesse sentido, por meio da relação entre os dois conceitos apresentados, o outro (*alter*) tem um papel essencial na construção do enunciado do eu (*ego*). Bakhtin (1981, p. 293, nossa tradução) afirma que “a palavra em uma língua é metade da palavra do outro”¹⁴. Dessa forma, não nos cabe pensar em identidade apagando a presença (endereçada e responsiva) do outro no discurso, como se a língua fosse um sistema fechado e homogêneo no qual os léxicos são escolhidos em um dicionário virtual. Ao contrário, os léxicos enunciativos são sempre escolhidos de enunciados materializados anteriormente (WERTSCH, 1993).

A alteridade é o diferente no enunciado, o tu que não sou eu. O estranhamento é muito importante para que se ampliem as representações identitárias do sujeito, pois “O discurso do outro pode funcionar como um contraponto e dar oportunidades individuais para integração do conhecimento dos outros.”¹⁵ (LINELL, 2009, p. 83, nossa tradução). Segundo o pensamento dialógico, a própria capacidade de ter consciência emana da alteridade. A chave para se entender todos os processos de dualismo artificialmente produzidos, inclusive sobre o conceito de identidade, é o diálogo entre o *eu* e o *outro* (HOLQUIST, 2002) que será apresentado com mais detalhes a seguir.

¹⁴ The word in language is half someone else's.

¹⁵ The other's discourse may function as a counterpoint, and to gives the individual opportunities for integration of others' knowledge.

3 As representações identitárias na relação entre o *alter* e o *ego*

Duveen (2013) reforça a ideia de que as identidades sociais são representações e de que sempre precisamos levar em consideração a função identitária das representações. Quando internalizadas, as representações sociais são ligadas por um processo de identidade. Nessa concepção, a identidade é um local social e não uma identificação pessoal desvinculada das representações sociais. Ou seja, quando falamos em identidade, estamos invocando um princípio de categorização subjetiva que se dá a partir da relação com o outro dentro de um conjunto de crenças e valores (representações sociais), construídos a partir das práticas sociais de linguagem.

Paryente e Orr (2010, p. 6, nossa tradução) justificam a escolha pelo termo representações identitárias ao afirmar que “O conceito de representações identitárias foi nossa escolha teórica por significar a contribuição do social e do coletivo para o questionamento da transmissão de valores.”¹⁶. Orr (2007) afirma que as identidades sociais são representações ou têm a função de representação por si mesmas, por isso a escolha pelo termo representações identitárias ao invés de identidade social. Essa escolha se dá no sentido de agregar tanto os aspectos individuais como os sociais na análise das representações identitárias, relacionando, como vimos anteriormente, com a concepção de Bakhtin/Volochínov (2006) sobre a linguagem como evento interativo que agrega o *eu* e o *outro* em uma relação de interdependência entre o individual e o social. Por isso, nada mais natural que nos filiar-mos também a essa concepção de identidade que, como ratifica Marková (2007), emana da perspectiva dialógica.

Ribeiro (2017) também prefere usar o termo representações identitárias quando relaciona a questão da identidade do professor em situação de estágio com as representações sociais da profissão. A autora compreende a linguagem como

¹⁶ The concept of identity representations was our theoretical choice for signifying the contribution of the social and the collective to intergenerational value transmission.

dialógica, condição e meio para existência das representações identitárias, entendidas, assim, como uma forma de categorização do sujeito no mundo em relação a si mesmo e aos outros.

Podemos entender, nessa perspectiva, que o processo de representação identitária acontece com base em similaridades e diferenças, quando o *eu* se aproxima ou se afasta do *outro*, que passa a ser seu referente. Ou seja, as representações identitárias objetivam explicar como os indivíduos definem a si mesmos em relação aos outros (MARKOVÁ, 2007). Essas definições podem variar de pessoa para pessoa de um mesmo grupo, processo que chamamos de diferença, ou podem se manter próximas às do grupo, processo que chamamos de similaridade.

Esse processo de categorização se estabelece na relação entre *alter* e *ego* que permeia tanto os estudos do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem quanto dá suporte para o desenvolvimento da teoria das representações sociais. Ao nosso ver, a alteridade passa a ser o constructo fundamental para a identidade do sujeito, uma vez que a tomada de consciência do *eu* somente acontece a partir da consciência do *outro*. Assim, a relação de alteridade permite “compreender o outro considerado diferente, desigual, ou mesmo semelhante ao ‘eu’, no que tange aos seus posicionamentos, suas culturas, suas visões de mundo”. (OLIVEIRA, 2009, p. 14).

A alteridade é o insumo necessário para se entender as representações identitárias de um grupo ou de sujeitos que pertencem a um grupo social, numa relação entre o *eu* e o *outro* (DUVEEN, 2013), relação essa que apresenta movimentos de convergência e divergência como material para a (re)construção dessas representações (RIBEIRO, 2008). O problema central para se entender esse princípio, segundo o primeiro autor, é saber oferecer uma teoria sobre as consequências da categorização, já que os indivíduos se categorizam de diferentes maneiras, sendo que as identidades dão forma às representações sociais dos indivíduos no mundo das representações.

Nesse viés, as representações sociais constroem um material semiótico e ao mesmo tempo são construídas por ele, uma vez que é a partir da linguagem que acontece a tomada de consciência do sujeito (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006). O conceito de representações identitárias está, dessa forma, fincado em sua coerção social advinda das práticas discursivas que (re)constroem as formas de agir no mundo por meio da relação dialógica entre o *alter* e o *ego*. O individual e o coletivo, apesar de estarem em lugares diferentes, são interdependentes, já que na perspectiva dialógica do discurso, o enunciado acontece pela interação entre o *eu* e o *outro*.

Entender a identidade como uma construção social e discursiva é muito importante para se romper com a ideia de identidade construída na esfera da consciência individual e caracterizada pelo investimento subjetivo, como se fosse um projeto instrumental de si mesmo (BENWELL; STOKOE, 2006). Nesse contexto, identidade deve ser definida como uma

Identificação individual com um grupo: um processo constituído primeiro pelo conhecimento reflexivo do membro do grupo e, segundo, por um apego emocional ou uma disposição específica para esse pertencimento.¹⁷ (BENWELL; STOKOE, 2006, p. 25, nossa tradução).

Ou até mesmo como uma oposição ao grupo. Eu sou o que o outro é, mas também sou o que o outro não é. O não ser é condição para o ser. Como já foi dito, o processo de identificação ocorre quando o grupo partilha de princípios semelhantes, justificados a partir de uma determinada teoria ou do próprio senso comum. Essa categorização é o insumo necessário para se entender as representações identitárias relacionadas a um determinado grupo, como chama a atenção Duveen (2013).

¹⁷ Individual identification with a group: a process constituted firstly by a reflexive knowledge of group membership, and secondly by an emotional attachment or specific disposition to this belonging.

A relação dialógica de alteridade se evidencia justamente através da heterogeneidade discursiva, da presença da voz do *outro* no discurso do *eu*. É a partir do gerenciamento de vozes trazido à baila no plano discurso do *eu* que Bakhtin (1981) entende o caráter dialógico do discurso no mundo da vida. O domínio discursivo pressupõe a existência de múltiplas vozes, sempre em relações dialógicas (OLIVEIRA, 2009). Dessa forma, é que afirmamos que as vozes fazem emergir as posições axiológicas daquele que enuncia, as suas representações identitárias.

Elucidamos, assim, que as representações identitárias são geradas no terreno da alteridade, na relação *eu-o-outro* (BAKHTIN, 1997). Essa relação é de natureza constitutiva da linguagem que é responsável “pela emergência dos valores ao longo da historicidade da existência dos seres humanos, [...] situados no espaço e no tempo” (OLIVEIRA, 2014, p. 56), ao produzirem suas práticas discursivas.

4 Identidade como (re)construção discursiva sob a perspectiva da Linguística Aplicada

Nesta seção, apresentamos, por meio de três exemplos, como as representações identitárias são (re)construídas discursivamente. Todos os exemplos apresentados foram retirados do *corpus* da dissertação de mestrado do primeiro autor, Bastos (2019). O *corpus* foi gerado a partir da realização de uma autoconfrontação simples com três professores do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual Vale do Acaraú, situada no município de Sobral, interior do estado do Ceará, no período de fevereiro a julho de 2019.

A autoconfrontação é um dispositivo metodológico que busca colocar o trabalhador, no caso professores, em situação de confronto com a própria atividade realizada. As aulas são filmadas previamente e, na autoconfrontação, cenas são apresentadas ao professor que analisa sua atividade na presença do pesquisador. A atividade discursiva da autoconfrontação se torna uma atividade sobre uma atividade,

promovendo a exotopia. A sessão de autoconfrontação também é filmada, o que gera o *corpus* discursivo a ser analisado.

Nosso objetivo é o de ilustrar como a Teoria Dialógica do Discurso explica o funcionamento das práticas discursivas na constituição das identidades sociais, exemplificando com o *corpus* mencionado, o que já resumiu Oliveira (2014, p. 55),

o ser humano é um ser de linguagem o que significa compreender que a constituição das identidades realiza-se pelas e nas práticas discursivas, através de relações intersubjetivas, portanto, considerando que a alteridade assume natureza constitutiva de tais processos.

A linguagem, nessa perspectiva, torna-se quase tudo na vida do ser humano – um ser de linguagem – que se constitui enquanto tal pelas práticas discursivas. As representações identitárias, dessa forma, são produtos da interação verbal, das práticas sociais de linguagem em que os sentidos de um enunciado são determinados pela capacidade de gerar uma resposta, pressupondo uma relação de alteridade. Por meio dessa relação que podemos compreender o processo de construção e divulgação das representações identitárias, vejamos o exemplo abaixo.

EX. 01: Isso, eu acho que a:: ela tem que ser assim a aula, eu acho que é muito+++ *ah*, eu acho até pelo contexto, nosso contexto brasileiro, eu acho que a gente não tem muito aquele estilo de aula que tenha mais como nos Estados Unidos, né? Das *lectures*, que é só o professor que dá a palestra e::, uma hora, duas horas de aula, o professor falando [...]
Fonte: Bastos (2019).

O autor do enunciado, neste caso, um professor de um curso de Letras Inglês, expõe seus juízos de valores sobre sua aula ao pautar sua avaliação nas formas de agir de dois grupos distintos: professores de inglês do Brasil e professores de inglês dos Estados Unidos. Ao enunciar, o professor, apresenta-se como membro do primeiro grupo (eu acho que a gente) e se coloca em relação com o segundo grupo para

demonstrar que age diferente dele (não tem muito aquele estilo de aula que tenha mais como nos Estados Unidos). Ao julgar o outro, o sujeito constrói, pelo discurso, o seu *alter* e, por conseguinte, constrói-se a si mesmo enquanto sujeito, membro de um grupo diferente. Ele é o que o outro não é, o outro é a diferença que lhe completa os sentidos do ser. Este exemplo põe em evidência que as representações identitárias sobre o que é ser professor de inglês nesse contexto é balizada pela divergência com um grupo e pela convergência com um outro. Isto é, no enunciado em tela, o professor sustenta a ideia de que seu grupo de pertença concorda que seu estilo de aula é diferente do professor americano, que fala durante horas. O movimento de alteridade, marcado pela convergência e divergência entre grupos sociais, apresenta-se como motor para a compreensão de que as representações identitárias são geradas e divulgadas no horizonte social do discurso, em constante diálogo entre o eu e o outro.

Pensar a partir dessa dinâmica é entender a identidade como uma (re)construção discursiva pautada na relação de alteridade entre o nível individual e social, ilustrando o entendimento de que o centro de valor bakhtiano está posto na relação *eu-o-outro*, ou seja, o ser implica ser para o outro. O que um sujeito diz/fala (enuncia) é um elo em uma cadeia discursiva, que responde e presume uma resposta, em constante diálogo com a palavra do outro, com a voz do outro. Desse ponto de vista, a teoria das representações identitárias permite a investigação de um sujeito que é afiliado aos costumes culturais e às práticas representacionais do seu grupo social (professores brasileiros de inglês) e, ao mesmo tempo, diferente do outro (professores americanos de inglês). Por isso, a identidade é vista como fluida, multidimensional e socialmente construída, em uma relação de alteridade. É na relação *alter/ego* que se (re)constróem os sentidos.

Por outro lado, nem sempre o conceito de identidade na Linguística formal era visto como o apresentado acima. Rajagopalan (1998, p. 26) assevera que a “linguística, desde a sua estreia como ciência moderna, tomou a questão da identidade como uma

questão pacífica, tanto no caso da identidade de uma língua quanto no caso da identidade do falante de uma língua”. Porém, é de entendimento dos linguistas aplicados que a relação entre língua e identidade é bem mais complexa. Por isso, entendemos que “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41).

Se a identidade é construída na e através da língua, e se compreendemos a língua como uma prática social e dialogicamente orientada, os recursos linguísticos serão os esquemas potenciais das relações dialógicas e, por conseguinte, fundamentais na constituição das identidades. É por meio deles que o autor do enunciado expressa seu projeto de dizer. Quando se tornam enunciado, que é a realidade viva da língua, os recursos linguísticos expressam uma determinada posição ideológica sobre o mundo que se materializam por meio de vozes sociais, entendidas como uma memória semântico-social de uma ideologia impressa no material semiótico da palavra. Joseph (2016, p. 19-20, nossa tradução) explica que:

Identities são manifestadas na linguagem, primeiro, nas categorias e nos códigos que as pessoas anexam a elas mesmas e aos outros como sinal de seu pertencimento; segundo, como as formas indexadas de fala, comportamento através do qual os falantes realizam seu pertencimento; e terceiro, como as interpretações que os outros fazem desses indexadores.¹⁸

É evidente que a descrição discursiva das representações identitárias de um sujeito/grupo não se restringe aos aspectos formais da língua. No entanto, esses aspectos fazem parte do constructo da identidade, se levarmos em consideração o

¹⁸ Identities are manifested in language as, first, the categories and labels that people attach to themselves and others to signal their belonging; second, as the indexed ways of speaking and behaving through which they perform their belonging; and third, as the interpretations that others make of those indices.

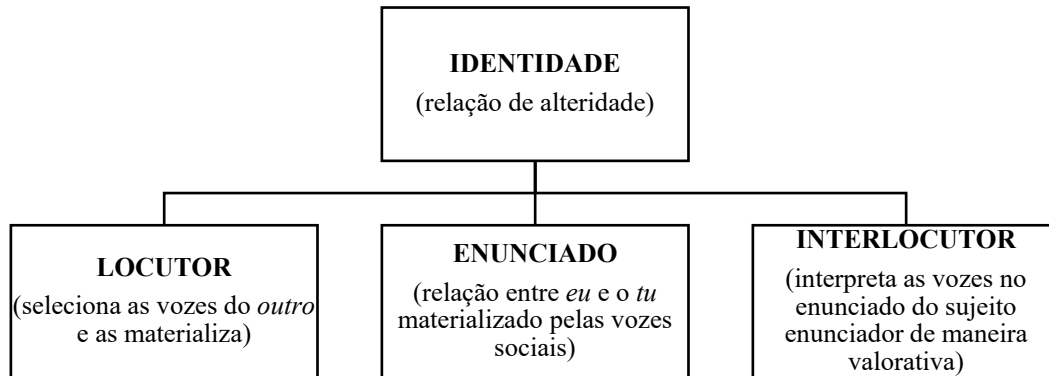
caráter ideológico do signo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006). Os falantes selecionam as vozes sociais que farão parte do discurso do *eu* em um constante diálogo com o discurso do *outro* e as anexam ao seu enunciado. Essas vozes são anexadas de forma axiológica e valorativa, compondo o estilo do enunciador, suas representações identitárias, como veremos a seguir.

EX. 02: Uhum, ((acenando positivamente com a cabeça)) pronto, eu diria que acontece por dois ++ são dois aspectos, dois fatores, ah:: Um, é +++ pra + pra facilitar a explicação, o conteúdo, como/ele é um conteúdo um pouco mais ah:, técnico, talvez um pouco mais complexo então ah: eu, por exemplo, o ideal seria todo no inglês, né? Mas como é um assunto que pode ser mais complexo então + utilizo muito o português pra conseguir deixar mais claro/ as explicações.

Fonte: Bastos (2019).

No exemplo acima, ao falar sobre a utilização da língua portuguesa nas aulas de inglês, o professor afirma que *o ideal seria todo em inglês*. Se tomada apenas do ponto de vista lógico ou concreto-semântico da língua, essa passagem seria interpretada como um juízo de valor ligado a uma determinada estilística individual, marcada pelo uso do adjetivo *ideal*. Contudo, sabemos que as relações dialógicas não podem ser reduzidas às relações lógicas ou concreto-semânticas da língua, apesar de serem impossíveis de se realizar sem elas (BAKHTIN, 2018). Ouvimos, na passagem selecionada, ecos de vozes que enunciaram a palavra anteriormente, ela é uma reação-reposta a enunciados anteriores. O léxico *ideal* recupera um *todos dizem* comum entre os professores de língua inglesa (grupo de pertença do locutor) que valorizam positivamente a prática de se falar em inglês durante as aulas. Essa valoração é uma marca semântico-social impressa no material semiótico da palavra, um juízo de valor construído socialmente cujo sentido só pode ser recuperado na resposta (pelo menos potencial) ao que foi indexado linguisticamente, como representado no esquema abaixo:

Figura 2 – Esquema referencial da (re)construção discursiva da identidade.



Fonte: elaborada pelos autores.

Nesse movimento indissociável entre locutor, enunciado e interlocutor é que as identidades são construídas. Esse processo não é fragmentado, mas acontece simultaneamente, levando em consideração que o enunciado não diz respeito apenas ao objeto, ao enunciador e à língua enquanto sistema, mas também diz respeito à relação com os outros enunciados na mesma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997). A compreensão do sistema da língua é, na verdade, a compreensão do enunciado que implica uma responsividade, um juízo de valor, ou seja, elementos necessários para se estabelecer a identidade de quem enuncia.

É através desse processo que as pessoas se tornam conscientes de quem são, construindo suas identidades sociais ao agir no mundo por meio da linguagem. Contudo, vale ressaltar que as representações identitárias são maleáveis. Podem mudar a depender do contexto do discurso a quem o enunciado foi endereçado e da resposta que esperamos do outro em uma relação de poder (MOITA LOPES, 2002). Uma mesma pessoa é inscrita em práticas discursivas diferentes e possui identidades contraditórias. Por isso, ela pode mobilizar, dependendo do contexto discursivo, diferentes vozes na construção de seus enunciados, fazendo emergir uma determinada

representação identitária a partir de seu local de fala, o que está ilustrado no exemplo abaixo.

EX. 03: Você foi meu aluno, mas nesse tempo que você foi meu aluno não tinha essa questão de celular e tudo, quer dizer, os alunos estavam, ou eram focados em sala na na aula ou+ ou não++, quer dizer, claro que eles poderiam muito bem tá conversando, mas é, mas conversar isso já o professor poderia prestar a atenção e poderia intervir, já hoje, o aluno tá fora de aula, dentro da sala++, no celular, sem incomodar o professor, porque ele fica só+ navegando, mas totalmente fora da aula+ e eu tenho muita preocupação com esses meninos, eu os vejo como++ filhos meus, eu tenho um menino que já já vai fazer faculdade, então eu tenho um um bem enorme por por todos os meus alunos e eu fico muito chateado, com pena às vezes, de de alunos que estão em sala, e não estão em sala, a gente quer dar alguma coisa, quer ensinar, mas muita gente++ não quer, não põe põe fé naquilo que a gente tá dando e e eu não sei o que que eles querem da vida, claro que tem exceção, graças a Deus.

Fonte: Bastos (2019).

O enunciado do professor, exemplo 03, é revelador de uma análise sobre o uso do celular em sala de aula. A fala do professor foi endereçada ao próprio pesquisador, seu ex-aluno (Você foi meu aluno), que de uma forma ou de outra conhece suas práticas e, agora, na posição de pesquisador de um programa de pós-graduação *stricto sensu*, é investido de um papel social que mudou as relações de poder e que demanda uma resposta do professor ao pesquisador que observou e gravou as suas aulas.

Ao construir sua resposta, o professor mobilizou diferentes vozes sociais. A princípio, ouve-se a voz do pai, que cuida e quer bem (eu tenho um um bem enorme por por todos os meus alunos), um professor membro da família (eu tenho muita preocupação com esses meninos, eu os vejo como++ filhos meus). Adiante, a voz do pai cede lugar a voz do profissional que precisa cumprir sua tarefa (a gente quer dar alguma coisa, quer ensinar), mas se vê impedido, pois muitos alunos não querem aprender (mas muita gente++ não quer). Finalmente, a análise do professor é concluída

ao mobilizar a voz do cristão (claro que tem exceção, graças a Deus), sugerindo agradecimento mediante às dificuldades apresentadas.

Percebemos que o professor, ao analisar sua prática, mobiliza diferentes pontos de vistas que recuperam práticas sociais distintas (família, profissão, religião). São papéis sociais desempenhadas por uma mesma pessoa, na mesma prática discursiva. Toda essa trama de vozes, mobilizada no discurso docente, implica na (re)construção de uma representação identitária de um professor afetuoso e preocupado, típico de um pai; consciente que precisa ensinar, típico do profissional; agradecido, típico daqueles que têm fé. Esse dinamismo demonstra como um professor de um curso de Letras Inglês se percebe diante do desafio posto pelo uso das tecnologias em sala e nos possibilita comprovar que “a escolha de nossas múltiplas identidades não depende de nossa vontade, mas é determinada pelas práticas discursivas [...]” (MOITA LOPES, 2002, p. 37).

Diante do exposto, percebemos que para se compreender discursivamente a identidade, é necessário, de fato, que se coloque as relações dialógicas como o fundamento de seu constructo, visto que as representações identitárias são dadas através da relação de no mínimo três vozes, a saber: a voz do locutor, do interlocutor e as vozes dos outros que ressoam na palavra (BAKHTIN, 1997). Quem enuncia, sobre o que, para quem e em qual contexto, parece-nos fundamental ser considerado para se perceber como as relações de alteridade, marcadas no enunciado por vozes sociais, sinalizam para a compreensão das identidade sociais, (re)construídas nas/pelas práticas discursivas. Podemos reafirmar que as relações de alteridade, levadas a cabo pelas posições ideológicas de sujeitos sócio-históricos em enunciados concretos, evidenciam que a ontologia da teoria das representações identitárias se dá, como apontou Marková (2007), na relação *alter* e *ego*.

A busca pela sistematização de uma análise discursiva das representações identitárias demonstrou a necessidade de se analisar as relações dialógicas entre as

vozes sociais na constituição dos enunciados. É através dessas relações e de seus elementos indexadores no horizonte concreto-semântico do discursivo que nos foi possível ilustrar como as representações identitárias são (re)construídas. Por isso, a identidade somente pode ser compreendida no todo de um enunciado que possui sentido na relação que assume com o objeto de discurso, com o locutor e com o interlocutor. Ou seja, o juízo de valor no enunciado que encontra o juízo de valor de quem o enunciado foi endereçado, é o material que constrói as representações identitárias.

Dessa forma, podemos concluir que, a relação entre vozes e a identidade se dá de forma bastante imbricada, uma vez que para Bakhtin (1997), o enunciado é um drama composto por, pelo menos, três vozes, que na condição de posições concreto-semânticas que compõem o enunciado, (re)velam as representações identitárias do sujeito. A Teoria Dialógica do Discurso nos oferece, nessa perspectiva, a heterogeneidade de vozes para a compreensão da construção discursiva das representações identitárias, como já sugerido pela LA.

5 Considerações finais

Buscamos com este estudo de caráter teórico traçar as linhas gerais para a discussão mais aprofundada sobre a relação entre linguagem e identidade, tema de grande interesse das pesquisas em LA na atualidade. A partir dessa perspectiva, empreendemos uma retomada sobre o dialogismo como princípio e funcionamento da linguagem e sua relação com as identidades sociais. Demonstramos, assim, como a psicologia social tem pensado a definição de identidade a partir da teoria das representações sociais.

Diante dessa questão, e tendo em vista o caráter heterogêneo das identidades, admitimos que elas mesmas têm a função de representação e de categorização do sujeito no mundo das representações. Por isso, a opção pelo uso do termo

representações identitárias, uma vez que essa construção se inicia na relação de alteridade, entre o individual e o social, que é o princípio básico tanto do dialogismo bakhtiniano, como da teoria das representações sociais.

Admitimos também que as representações identitárias são uma (re)construção discursiva e não um empreendimento individual de si mesmo, mas uma relação de múltiplas vozes presentes nos enunciados, construídas dialogicamente na relação de endereçamento e responsividade. Isto posto, filiamo-nos à perspectiva dialógica do discurso que justifica de maneira oportuna as relações que estabelecemos nesse trabalho.

Propomos, enfim, que para se compreender e se (re)velar as representações identitárias no plano discursivo, faz-se imperativo analisar o gerenciamento das vozes sociais presentes no enunciado, uma vez que as vozes são a presença do *outro* no enunciado do *eu*. Dessa forma, podemos avançar na compreensão de que as representações identitárias são discursivamente constituídas, um material simbólico, ressignificadas a todo momento no curso das interações.

Referências

BAKHTIN, M. M. **The Dialogic Imagination: Four Essay**. Austin: University of Texas Press, 1981. Tradução de: Caryl Emerson e Michael Holquist. DOI <https://doi.org/10.2307/2497064>

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª edição. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Tradução feita a partir do francês de: Maria Emsantina Galvão G. Pereira. Revisão da tradução: Marina Appenzellerl.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévsky**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. Tradução de Paulo Bezerra.

BASTOS, R. L. G. **As vozes (re)veladoras das representações identitárias dos professores universitários do curso de Letras Inglês**. 2019. 147f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

BENWELL, B.; STOKOE, E. **Discourse and Identity**. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2006.

DUVEEN, G. Representations, identity, resistance. *In*: MOSCOVICI, S.; JOVCHELOVITCH, S.; WAGONER, B. (ed.). **Development as a Social Process**. New York: Routledge, 2013. p. 182-195.

HOLQUIST, M. **Dialogism: Bakhtin and his World**. 2. ed. New York: Routledge, 2002. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203425855>

JOSEPH, J. E. Historical perspectives on language and identity. *In*: PREECE, S. (ed.). **The Routledge Handbook of Language and Identity**. New York: Routledge, 2016. p. 19-33.

LINELL, P. **Rethinking Language, Mind, and World Dialogically: Interactional and Contextual Theories of Human Sense-Making**. Charlotte: Information Age Publishing, Inc., 2009.

MARKOVÁ, I. Social Identities and social representations. *In*: MOLONEY, G.; WALKER, I. (ed.). **Social representations and identity**. New York: Palgrave Macmillan, 2007. p. 215-236. DOI https://doi.org/10.1057/9780230609181_12

MOITA LOPES, L. P. da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

OLIVEIRA, M. B. F. de. O círculo de Bakhtin e sua contribuição ao estudo das práticas discursivas. **Eutomia**: Revista on line de literatura e linguística, Recife, v. 2, n. 2, p.1-18, dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1791>. Acesso em: 02 dez. 2019.

OLIVEIRA, M. B. F. de. Formação de professores de língua materna e seu outro: implicações para a construção de processos identitários. *In*: SILVA, S.P. da SILVA; FERREIRA, A. T. de; MARTINS, M. A. (org). **Formação continuada de professores: programas, projetos e recursos didáticos**. Recife: Editora Universitária UFPe, 2014. p. 51-65.

OLIVEIRA, M. B. F. de. A linguística aplicada, o círculo de Bakhtin e o ato de conhecer: afinidades eletivas são possíveis? *In*: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. 1 ed. São Carlos: Pedro e João editores, 2016. p. 47-66.

ORR, E. Identity Representations within Israeli Society: a Kaleidoscope of Minority Phenomena. *In*: MOLONEY, G.; WALKER, I. (ed.). **Social representations and identity**. New York: Palgrave Macmillan, 2007. p. 43-60. DOI https://doi.org/10.1057/9780230609181_4

PARYENTE, B.; ORR, E. Identity representations and intergenerational transmission of values: the case of a religious minority in Israel. **Papers On Social Representations**. [s. l.], p. 23.1-23.36. jan/jul. 2010. Disponível em: <http://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/402>. Acesso em: 02 dez. 2019.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?. *In*: SIGNORINI, I. (org.). **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 21-46.

RIBEIRO, P. B. **O discurso docente (re)velado no gênero memorial**. 2008. 240 f. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Programa de Pós Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RIBEIRO, P. B. Representações identitárias sobre o métier do professor no contexto do estágio. **Veredas: Interacionismo Sociodiscursivo**, Juiz de Fora, v. 21, n. 3, p. 383-400, jan./jul. 2017. DOI <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2017.v21.28012>.

WERTSCH, J. V. **Voices of the Mind**. Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

Artigo recebido em: 22.03.2019

Artigo aprovado em: 15.12.2019